



“Jiadista dizia que cortar cabeças era necessário e bom”

Procurador do combate ao terrorismo em Itália conta bastidores de investigações sobre o Daesh. Também chefiou inquéritos contra a Máfia

Tiago Rodrigues Alves
e **Nuno Miguel Maia**
justica@jn.pt

PORTO Maurizio Romanelli é o procurador nacional adjunto do Ministério Público de Itália, trabalhando na Direção “Anti-Máfia” e no combate ao terrorismo internacional. Pelas suas mãos passaram casos de italianos punidos por adesão à organização terrorista Daesh, também conhecida por Estado Islâmico. Esteve há dias na conferência do Porto da Associação Internacional de Procuradores, organizada pelo Sindicato dos Magistrados do Ministério Público, onde partilhou as suas experiências.

O magistrado refere que, quanto ao terrorismo, a dificuldade prende-se com a necessidade de “combater e prevenir o fenómeno ao mesmo tempo”, o que é “muito difícil” para o sistema judicial e para os serviços secretos”. A resposta para o problema da adesão de cerca de 120 a 130 italianos ao Daesh tem de ser “judicial”. “Quando uma pessoa sai do país temos de ‘trabalhar’ essa pessoa. Não podemos dizer: ‘foi embora, já não é um problema interno, é um problema militar’. Temos de continuar a trabalhar porque essa pessoa, em primeiro lugar, estava no nosso país. Segundo, se ele ou ela decidiram ir, isso significa que alguém esteve com eles, fisicamente ou através da Internet, para os radicalizar. Por isso, temos de nos focar em quem trabalhou nela”.

Um dos casos mediatizados em Itália foi o de Fátima, uma mulher que se radicalizou e que as autoridades italianas conseguiram vigiar, através de um telemóvel e da sua conta na apli-



Magistrado revela que são monitorizados entre 120 e 130 italianos terroristas

cação “skype”, na Internet. “Com um número de telefone para o qual ela ligou apenas uma vez, conseguimos ouvir coisas incríveis sobre as regras do Estado Islâmico: o que tinham de fazer para ir para lá, como se deviam preparar... Isso foi significativo para todos os países, porque são informações, ou melhor, provas de utilidade pública”.

Maurizio Romanelli conta que todos os dias o Ministério Público monitorizava a terrorista: “Ouvíamos as conversas dela com os familiares por “skype” e obtínhamos informações sobre o que ela fazia, com quem se encontrava, quem mandava, como funcionava... Conversas incríveis! Ela dizia que cortavam cabeças porque era necessário e bom. Mas este controlo não é fácil. É uma opção legislativa e depois é preciso ter a capacidade técnica de o conseguir. Se não trabalharmos a pessoa, nunca conseguimos isso”.

O futuro no combate ao terrorismo continuará a

FRASES

Maurizio Romanelli

Procurador Nacional Adjunto da Direção Anti-Máfia de Itália

“A radicalização tem muitas causas. Se respeitarmos as leis, mesmo contra terroristas, não lhes damos razões para nos atacarem. É o que temos de fazer e é o que na Europa, com algumas diferenças, estamos a fazer”.

“[Máfias] São organizações muito secretas, muito fechadas, com duras regras de silêncio e a capacidade de fazer impor essas regras”.

passar pela cooperação internacional. “Estamos a obter bons resultados e a avançar com questões de confiança mútua: se tens uma informação deves partilhar. Devemos fazer isso porque este não é um problema de um país: é de todos nós”.

AMEAÇA AINDA EXISTE

Quanto à Máfia, o panorama atual em Itália é mais calmo do que há 20 ou 30 anos. “Mas o nível de ameaça ainda é significativo”, alerta, salientando que os métodos mafiosos juntam características da “corrupção” e do “terrorismo”.

Maurizio Romanelli recorda o papel de Giovanni Falcone, juiz anti-Máfia assassinado em 1992 pela Cosa Nostra. “Conseguimos, pela primeira vez, penetrar na organização”. A monitorização sobre a Máfia tem passado pelos “arrepentidos” e pela sofisticação da vigilância e interceção, “o que é muito difícil porque eles são furtivos e estão muito bem organizados”.